**José Augusto França e a História da Arte em Portugal**

O biénio 1922/23foi especialmente propício à cultura portuguesa. Nele nasceram Agustina Bessa Luís, José Saramago, Gonçalo Ribeiro Telles, Eduardo Lourenço, Adriano Moreira e José Augusto França, todos protagonistas eminentes do nosso século XX. Desta plêiade, resta Adriano Moreira, a viver o seu centésimo ano.

Todos diferentes e todos grandes, seja nas letras, seja no pensamento ou na acção. Todos tiveram longos percursos de vida criativa. Cada um deixou, a seu modo, uma marca indelével no país que hoje somos.

O *iter* criador de José Augusto França manifestou-se de formas variadas ao longo de largas décadas, desde os primórdios surrealistas em tempos de juventude, passando pelo expatriamento em Paris e posterior regresso, completada a formação académica, para intervir profundamente ao nível das instituições do Portugal democrático, com destaque para a Universidade Nova, da qual foi um dos fundadores, para o município lisboeta e para a Fundação Gulbenkian, onde serviu em cargos da mais alta relevância.

Um pouco como Eduardo Lourenço, foi, de algum modo, um “estrangeirado”, um “afrancesado”. Não na acepção negativa de quem despreza o país, como um personagem queirosiano, mas na perspectiva de ir munir-se fora de um apetrechamento teórico, que permite um novo olhar para dentro – muitas vezes vê-se melhor de longe. E não só olhar, mas trabalhar eficazmente para mudar a realidade nacional num sentido de modetnidade, com as armas da arte, da cultura, do ensino. Os muitos anos passados em França foram para ele um tempo de construção de si mesmo enquanto intelectual interventor.

A frequência do meio universitário parisiense, o magistério de Pierre Francastel e o seu segundo casamento, com a grande investigadora Marie Thérèse Mandroux (especialista maior da gravura setecentista e seu impacto no Portugal joanino) mais lhe reforçaram a ligação à França, que viria a conhecer um momento alto nos anos em que se dedicou a dirigir o Centro Cultural Português em Paris, criado no âmbito da Fundação Gulbenkian e instalado na sumptuosa residência do milionário arménio na Av d’Iéna. Nesse período dos anos 80 do século passado, José Augusto França foi o mais activo e ilustre embaixador que a cultura portuguesa podia ter em França. Simetricamente, quando na pátria, chamavam-lhe alguns, num misto de ironia e carinhos admiração, “Paris em Lisboa” (o nome de uma famosa loja mais que centenária, junto ao Chiado.)

O panorama mudou radicalmente a partir da institucionalização como uma licenciatura autónoma, a partir da Universidade Nova e por acção de José Augusto França, que criou e estruturou o novo curso a partir da sua experiência, nele introduzindo a Sociologia da Arte e a Psicologia da Arte. A ele se deve o impulso determinante para a actualização da sua metodologia, alargamento dos seus níveis de abordagem e afirmação própria de autonomia e especificidade, entre as Artes e a História, pilar das Ciências Sociais e Humanas – não por acaso a designação escolhida para a Faculdade que, no seio da Universidade Nova de Lisboa, acolheu os ensinos tradicionalmente designados de “Letras”.

Esta licenciatura pioneira teve como outros fundadores João Manuel Bairrão Oleiro, Artur Nobre de Gusmão e José Eduardo Horta Correia, que se ocuparam, respectivamente, da Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna, ficando a Contemporânea a cargo do próprio José Augusto França. A posterior criação e consolidação do mestrado em História da Arte permitiu a emergência de uma plêiade de novos investigadores, que vieram depois a integrar os quadros de diversas universidades portuguesas. A difusão e prestígio da História da Arte, sua aceitação e reconhecimento (no meio académico e na sociedade) muito lhe devem.

Ao formar a sua escola, José Augusto França não esqueceu a realidade pré-existente e esforçou-se por reunir os (poucos) historiadores de arte das universidades de Lisboa, Coimbra e Porto para definição de parâmetros comuns e para uma reflexão conjunta sobre a problemática e o devir deste campo do saber. Tentou, inclusive, trazer um deles do Norte para Lisboa para integrar a sua equipa na U. Nova, no que não teve sucesso.

A preocupação pelo trabalho em equipa, o procurar rodear-se dos melhores, o desígnio de criar escola e abrir caminho para os mais jovens são uma marca da sua actuação como professor, orientador e dirigente universitário. Quando, logo nos anos 80, abraçou outros desafios sob a égide da Fundação Gulbenkian, teve o cuidado de deixar bem entregue a “sua” História da Arte Contemporânea e o seu departamento, abrindo caminho, nesse campo, para as posteriores brilhantes carreiras de Margarida Acciaioli e Raquel Henriques da Silva, entre outros.

A diversidade dos seus interesses académicos, a pluralidade dos temas a que dedicou o seu labor,a diversidade e abrangência dos pontos de vista fazem dos seus estudos obras exemplares e de referência, seja sobre a Lisboa pombalina, o fenómeno do Romantismo ou os grandes modernistas Amadeo e Almada. O historiador, o crítico, o sociólogo, que são um só, oferecem uma abordagem e um aprofundamento, de que resultam, por vezes, poderosas sínteses, como as que dedicou ao fenómeno artístico português do século XIX e do século XX.

No limiar da velhice, José Augusto França expandiu a sua marca como criador, escrevendo as suas memórias (*Memórias para o ano 2000*, Livros Horizonte, 2000) e alguns romances, de que salientaria *A Bela Angevina* (Presença, 2005), em que ficciona um misterioso episódio amoroso na vida de Eça de Queiroz, localizado justamente na região de Angers, onde o autor passou os derradeiros anos da sua vida.

As *Memórias para o ano 2000* são um livro delicioso onde o autor narra a sua vida, lançando um olhar alternadamente intenso e *désabusé*  sobre o seu percurso, escalpelizando circunstâncias e intenções, exibindo sem rebuço um intenso juízo crítico e autocrítico. Aqui, o autor torna-se protagonista e personagem de um enredo que acaba por ser o século XX português, nas suas misérias, equívocos e focos de luz. Ao longo de uma narrativa rica e não poucas vezes irónica, perpassam familiares e amigos, escritores e artistas, figuras públicas da política e da sociedade, desde Almada a Mário Soares e a Azeredo Perdigão. E uma catadupa de situações sérias e caricatas, entretecendo o viver deste personagem, que se nos vai dando a conhecer em toda a pluralidade da sua acção. Por aqui passam as peripécias do PREC e os conflitos na universidade e na Fundação, o combate contra as burocracias e o provincianismo, as viagens, as paisagens, os colóquios, os museus. Somos levados às poeirentas Academias e aos salões oitocentistas do Grémio Literário, ao Jardim da Estrela e aos passeios pelos campos de Janzé.

No fim, fica-nos a imagem que o autor escolheu dar-nos, a partir do seu próprio e verdadeiro sentir, pensar e recordar – a imagem de alguém que tirou o melhor partido dos muitos anos que vveu.

O surrealista e oposicionista, o expatriado e académico, o socialista e universitário, o grande burguês e embaixador da cultura portuguesa, o mestre e criador múltiplo e, contudo, tão único na riqueza desconcertante de tantas facetas.